

Manta de retalhos

Rosa Alice Branco



Eduardo Lourenço, o ensaísta que melhor fez a psicanálise do povo português observa, no seguimento da "intrínseca loucura" de que fala Oliveira Martins, que os portugueses são um povo pobre com imaginário de rico.



Para se perceber como um povo gera as suas Artes e o seu destino teremos que perguntar-nos por esse povo, perceber os seus mitos, o que se esconde nas fissuras da sua História.

Eduardo Lourenço, dissecando o espírito milagreiro do português, põe em relevo a imprevidência histórica que várias vezes esteve patente na nossa história, «a eterna surpresa que sublinha as catástrofes mais inevitáveis, o eterno grito de "pouca sorte" com que contamos os desastres que nós próprios elaborámos por inércia ou confiança infinita nas boas disposições da Providencia, são só alguns dos aspectos com que mais brutalmente se manifesta a nossa riquíssima mentalidade de pobres milionários por direito divino».



E esta mentalidade pode explicar como num país pobre em que o povo português era mouro de trabalho, é o não-trabalho que é a marca de nobreza; segundo Eduardo Lourenço, uma nobreza parasita feita de aparência.

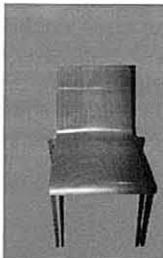
Interessante é notar que o artesanato vem desse extracto do povo português que trabalhava de sol a sol e gerava objectos gratos ao olhar e ao uso, desses homens e mulheres que tinham entre as mãos a técnica e o sonho.

E sendo pobres, o mais das vezes tinham de recorrer ao engenho e à arte, às mãos de pobre, ao imaginário de rico, para fazer de qualquer coisa uma potencial matéria de criação, transformando, reciclando, dando novos usos ao uso.

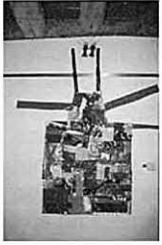


Na contemporaneidade, findas as grandes figuras míticas do artesanato artístico, como Rosa Ramalho, e vivendo nós o tempo das grandes audiências empresariais que criam os produtos instantâneos,

restava ao artesanato português percorrer na sua teimosia a usabilidade da cestaria, dos têxteis, barro cerâmico, latoaria, cordoaria, ourivesaria, vidro, etc., hoje muitas vezes formas estafadas que se repetem nas mesmas "fôrmas" e cuja atenção só retém o olhar do turista como novidade de viagem, "cousa" barata para provar o feito da viagem, encontrada em lojas para turistas e também em algumas feiras, país fora.



O Design português, assumido como tal, nasce sobretudo contra o artesanato, copiando ou reinterpretando o Design estrangeiro, sobretudo o italiano, que foi sucessivamente invadindo o mercado



português. Desta reinterpretação nasceram, bem entendido, peças originais.

Mas há momentos históricos em que, como dizia Tom Wolfe, "é necessário regressar da Bauhaus to our house", ou seja, regressar à nossa casa, à nossa identidade que tem sempre como subsolo a tradição.



O trabalho e as técnicas dos artesãos é hoje revisitado por algum Design português na procura de conjugar a sua nova visão instruída do mundo das formas e dos materiais com a tradição das técnicas artesanais que tinha a magia de criar objectos a partir de um nada de matéria, mas com necessidade e amor.

Este encontro começa já a estruturar-se em pequenas empresas, que são, por um lado, a única saída para o artesão e, por outro, a continuidade do artesanato que sai da repetição exaustiva de formas sem amor, e significam para o Designer português a possibilidade de recriar infinitamente a partir de um património, de um legado imenso, de técnicas e saberes, de novos materiais, novas ideias.

A Exposição "Reinventar a Matéria" promovida pela ESAD em parceria com o CRAT (que se encontra exposta nas instalações do CRAT) comissariada por

Francisco Providencia no contexto de um projecto na área do Design para o Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, de que fui uma das responsáveis, pretende ser a mostra e o desafio de um tal encontro.



Este *bricolage* cultural, este pegar em retalhos do que está à mão, como os sacos de plásticos trazidos do supermercado, nova matéria, por exemplo, para a técnica da cestaria, vai de encontro ao espírito de *bricoleur* do povo português, da sua identidade retalhada. E é talvez por sentir a ameaça da globalização que as Comunidades Europeias e o poder dos *media* vão determinando,

que a identidade em perda se quer remendar em cores e formas que se juntam para, sabia e milagrosamente, se coserem numa manta de retalhos: uma mão cheia de estórias e promessas.

Os trabalhos de ilustração do texto foram retirados da exposição permanente do CRAT e da exposição "Reinventar a Matéria", inserida no projecto "2001 Escala : Porto".